



Projeto Consciência Patrimonial: saberes e fazeres na história, o artesanato potiguar como elemento histórico da cultura local

LUCIERE CAVALCANTE DA SILVA¹

PAULO SÉRGIO DA SILVA

O projeto “Consciência Patrimonial” surgiu durante uma das reuniões do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência(PIBID-UFRN), do subprojeto de História, entre os bolsistas e a coordenadora, professora Dr.^a Fátima Martins Lopes. O diálogo girava em torno de como iríamos proceder no segundo semestre do ano de 2012, nas escolas onde ocorreriam as intervenções. Diante de várias propostas, o bolsista Wagner Rabelo expôs um pouco da ideia de consciência patrimonial, um projeto pensado para aplicação durante um estágio em uma determinada escola para apresentação na Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura, a (Cientec-UFRN). A proposta foi recebida de forma construtiva, de uma possível aplicação nas propostas do PIBID.

Neste sentido, as propostas foram tomando formas coesas e aplicáveis nas escolas. No nosso caso, decidimos refletir sobre uma temática a ser trabalhada em uma turma da 1^a série do ensino médio, da rede pública de ensino, no nosso caso a Escola Estadual Desembargador Régulo Tinoco, localizada na cidade de Natal-RN. A princípio, consideramos que, na definição de uma temática a ser trabalhada com uma turma deste nível de escolaridade, devia se ter como premissa a vinculação com uma problemática que se faz presente na sociedade e que, nitidamente, pode ser observada nas suas formas de expressão e no cotidiano dos discentes.

Foi então, em meio às leituras, que chegamos à conclusão de que tal problemática deveria ter em mente o momento em que vivemos: a ânsia pelo futuro, cada vez maior, e um presente cada vez mais fugaz, que faz com que o passado seja relegado ao esquecimento. Nossa atualidade é marcada por contradições exorbitantes. Tentamos conviver com novas tecnologias que a cada segundo se tornam rapidamente ultrapassadas, não tendo mais espaço

¹Graduandos em História (licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte -UFRN. Bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/MEC/ CAPES). Orientadora Prof.^a Dr.^a Fátima Martins Lopes- UFRN. Coordenadora do Subprojeto de História- Natal.

para o que é “velho”. Sendo assim, o passado vai ficando cada vez mais para trás, ao mesmo tempo em que cada vez mais se precisa dele como um elemento orientador e de identificação no meio a várias transformações, ocasionadas pelos intensos avanços tecnológicos em nossa sociedade. Estabelecer relações entre esse presente, no qual vivemos, com o passado que tendemos a renegar, faz com que se torne possível trabalhar uma temática nesse sentido.

Então, chegamos à conclusão que trabalharíamos com a temática: *“saberes e fazeres na história, o artesanato potiguar como elemento histórico da cultura local”*, como uma problemática do presente, buscando refletir sobre suas continuidades e rupturas com o passado. Além disso, nossa temática possui os objetivos que esse fragmento dos PCNs de História (2000) propõe:

“Um compromisso fundamental da História encontra-se na sua relação com a **Memória**, livrando as novas gerações da “amnésia social” que compromete a constituição de suas identidades individuais e coletivas”. (BRASIL, 2000:26).

Portanto, chegamos à definição da importância que nossa temática possui frente ao que observamos nesse trecho dos PCNs de história(2000). E, além disso, nossa temática possibilita uma forma de ensino de história atrelada à ideia de formação de indivíduo, conhecedor de seu papel enquanto agente ativo na sociedade que se identifica com o seu passado. Então, partimos da necessidade de criar e fortalecer a relação dos discentes com suas heranças materiais e culturais, possibilitando um melhor relacionamento destas com estes bens, percebendo sua responsabilidade pela valorização e preservação do Patrimônio, fortalecendo a vivência real com a cidadania, num processo de conscientização e pertencimento.

A questão dos saberes e fazeres artesanais na história

O interesse pela inclusão do artesanato como uma parte fundamental para elaboração deste projeto surgiu da importância do tema e de seu valor sociocultural e econômico para, a seguir, tratar sobre as suas limitações e potencialidades de resistências do fazer artesanal. Por configurar-se como fonte geradora de conhecimento, o saber e o fazer dos produtos artesanais

repassados de geração em geração podem promover reflexões que possibilitem contribuir para a compreensão das relações que constituem o artesanato e os caminhos percorridos para a sua sobrevivência nos dias atuais.

De acordo com o dicionário Michaelis, o significado da palavra artesanato: “*1 Técnica do artesão. 2 Peça feita por artesão.*” Esta significação, no entanto, restringe bastante a amplitude da palavra artesanato, que pode ser amplamente trabalhado se atentarmos não para o seu significado físico e material, mas para o social e, acima de tudo cultural e simbólico. Na busca de entender o significado da palavra artesanato, pesquisamos outras fontes e encontrou-se no livro “Base conceitual do artesanato brasileiro, do Programa do Artesanato Brasileiro”, publicado em Brasília, pelo governo federal, no ano de 2012, a conceituação do artesanato segundo(PAB, 2012:12):

Toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios.

Assim, no artesanato, mesmo que sejam utilizadas ferramentas, o que vai qualificá-lo identificá-lo como tal é a destreza manual do homem que dará característica própria e criativa, refletindo a personalidade do artesão e a relação deste com o contexto sociocultural do qual emerge.

O artesanato durante milênios foi à única formahumanade fazer objetos. Conforme os registros arqueológicos, os primeiros artesãos surgiram aproximadamente no período neolítico (6.000 A.C.) a partir do momento que o homem aprendeu a polir a pedra, a fabricar a cerâmica para guardar água e alimentos e posteriormente para o cozimento dos alimentos. Observamos que o artesanato nasceu da necessidade de se produzir bens de utilidade, como instrumentos facilitadores da sobrevivência do homem no hábitat natural e como também representavam elementos tradutores da produção cultural do sistema de vida de dada região. Curiosamente, no relato bíblico, Deus apareceria como o primeiro artesão, conforme Victor P. Hamilton (2007, p. 19) “*na segunda sequência a criação, a ênfase está em Deus como oleiro ou artesão*”.

O artesanato, segundo (SALGADO; FRANCISCATTI, 2006:07):

Assume aspectos que possibilitam suprir as varias das necessidades que as condições sociais locais apresentam – a obra produzida por meio deste ofício estabelece, necessariamente, a relação entre o homem e o meio através da representação simbólica da cultura, seja em seu caráter reprodutor, quando se limita a repetição, ou transgressor, quando há expressão singular.

Nessa perspectiva, refletimos sobre a tradição e a repetição de um fazer ou *maneiras de fazer*², que possibilitam ligar o passado ao presente, realizando transmissões de valores, fazeres e saberes acumulados: são os registros da História de um povo que expressou sua cultura utilizando instrumentos como um pincel, uma agulha, um torno de olaria. Ao utilizar o pé para girar o torno e a mão para manusear o barro os homens expressam sua arte na cerâmica. Por outro lado, através de sua técnica e do seu principal instrumento, que são as mãos, manuseando as peças, determinam o ritmo da produção e deste modo, impõem sua marca sobre o produto.

A importância de refletirmos sobre o saber e fazer o artesanato no espaço escolar busca trazer a realidade dos discentes para dentro da sala de aula. Sabe-se que os mesmos conhecem alguém que faz um ou dois trabalhos artesanais para vender ou presentear. Essa vivência cotidiana é primordial para que os discentes observem que o passado não está tão distante e que ainda existem continuidades na nossa sociedade contemporânea. Lembrando Certeau (1994), tudo no cotidiano escolar pode suscitar operações de sentido, portanto escolhas, movimentos táticos provenientes das diferentes apropriações que o professor faz.

Quando pensamos nesta ação do fazer manualmente, logo pensamos que o seu oposto seja o fazer mecânico. Neste novo contexto o homem não é mais o produtor, mas está submetido às máquinas que assumiram as suas funções. A força de trabalho vivo, que era a base da produção manufatureira, com a introdução das máquinas, foi substituída e o cargo do homem passou de produtor a operador de máquina. A mais importante forma de ação, do saber e fazer exercida pelo homem, que era o “trabalho” artesanal, foi substituído pelo

²“Maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural. (CERTEAU, 1994, p.41).

industrial. Com a Revolução Industrial, que no século XIX originou a produção em larga escala, supriu-se as necessidades numa rapidez que os artesões não poderiam concorrer, nem quanto ao tempo e nem quanto à resposta à alta demanda dos produtos pela sociedade. Além disso, segundo (WAGNER, 2002: 93):

Com a passagem da produção artesanal para a produção manufatureira e, desta, para a produção mecanizada e automatizada, alteraram-se, segundo Arendt, não somente a quantidade dos produtos fabricados, mas também a natureza do processo de produção e dos bens produzidos.

A fabricação artesanal era baseada na cooperação individual, que era guiada pelas características do produto a ser fabricado. Na substituição dos meios artesanais de produção pela produção industrial, os produtos perderam sua antiga durabilidade e, desta forma, juntaram-se ao rol dos bens de consumo. Patrocinado pelo capital, o desenvolvimento das forças produtivas provocou e intensificou cada vez mais a desvalorização dos artesões, trabalhadores que não se conformaram e se revoltaram contra as máquinas, atacando-as com machadinha, chuçó e espingarda, nos locais onde as mesmas estavam. Conforme (SALE, 1999:26):

Aqueles cuja única herança era o ofício que possuíam, e tendo perdido isso – sem emprego, não tinham salário e não tinham pão – ficaram entregues ao infortúnio, talvez inevitavelmente sóis [...] Miséria gera raiva: atormentados, os homens passaram a odiar as máquinas que lhes tiraram o alimento- assim entendiam. Abominavam igualmente os prédios das manufaturas e os empresários.

A arte de saber e fazer o artesanato foi modificada frente ao requisitado pelos novos hábitos adquiridos e implementados pelos ritmos da nova estrutura social. Com a Revolução Industrial no século XIX, acabou-se cedendo espaço no dia-a-dia das famílias aos produtos industrializados fabricados em série.

As máquinas nos levaram a um ritmo infinitamente mais rápido de repetição que aquele prescrito pelos processos naturais, pois o modo de produção capitalista tirou das mãos do artesão o poder de controlar a produção. Os artesões foram engolidos pelas novas invenções, cabendo-lhes apenas obedecer ao que lhes era imposto e passaram a representar as estatísticas de desemprego e, na maioria das vezes, passaram a ser chamados pejorativamente de vagabundos, como é evidenciado pelo documento intitulado *Regras de Ordens Observadas*

por uma sociedade de Socorros Mútuos de Carpinteiros e Marceneiros Viajantes, apresentado por Hobsbawm (2000, p.55)

De acordo com (SALE, 1999:62-63):

Na passagem do século XIX para o século XX, poder-se-ia dizer que o capitalismo industrial também revolucionou a cultura, posto que além das transformações materiais houve inúmeras mudanças de caráter intelectual e moral. Herdando uma civilização inteiramente nova, as gerações posteriores têm dificuldade em entender as drásticas alterações que se operaram a nível da natureza e no plano ideológico. Os homens passaram a acreditar que não havia limites ao que pudessem fazer em nome da indústria e do progresso – que jamais existiria uma fronteira que fosse impossível transpor.

A revolução industrial, se comparada ao artesanato, é relativamente recente na História, se pensarmos na história da humanidade. A forma de fazer objetos pela máquina é muito diferente do fazer manual, que foi de suma importância para toda a humanidade. É nesse sentido, que reside a importância do artesanato como produto comercial e também cultural resultante do significado da vida do artesão, da sua criação de inscrever sobre o fazer repetido, que se manteve mesmo após industrialização. Isto reflete valorização e resistência do fazer manual, enquanto forma de trabalho, que envolve a história familiar, a situação sociocultural e econômica, pois, de acordo com Eric J. Hobsbawm (2000), “o trabalho manual coletivo é, por tradição, uma atividade bastante ritualizada, profundamente entrelaçada com a estruturação ritual das vidas dos indivíduos e das coletividades sociais [...]”.

Por outro lado, o artesanato tem reflexos significativos na economia, embora as cifras e dados não abarquem o lado informal da economia do artesanato como profissão, relegando-o como uma atividade de segunda ordem. No entanto, o artesanato não é somente uma mera atividade/mercadoria, mas traz embutido em si valores, crenças e cultura. Embora muitos não tenham percebido, os objetos artesanais continuam a ser produzidos e comercializados ao lado dos produtos da indústria.

No Brasil, o artesanato tem suas origens nas diversas tribos indígenas que faziam parte de nosso território e que expressavam suas culturas, costumes e crenças através de seus adereços, cestas e cerâmicas que são apenas algumas representações desses tipos de trabalho

manual. No que se refere à arte de cerâmica no Brasil, a datação aproximada é de 2000 anos de existência nas práticas das populações indígenas instaladas próximas dos rios e ribeirões, quem manipulavam o barro, produzindo uma variedade de vasos, potes e outros artefatos cerâmicos. A tradição ceramista não chegou ao Brasil, por intermédio dos portugueses ou com a bagagem cultural dos africanos. Os índios já tinham firmado em sua cultura a prática do manusear do barro, entretanto, com a chegada dos colonizadores, que instalaram as primeiras olarias, novas formas de saber e fazer foram criadas e, aos poucos, as instalações das olarias em vários locais, modificou o processo do manusear do barro, com a introdução do uso torno e das “rodadeiras”, passando a haver maior simetria na forma e no acabamento em tempo menor.

Atualmente, devido às políticas públicas para registro do artesanato como patrimônio imaterial; com as leis de incentivo a cultura, compreendendo a cultura com a construção ao longo de vivências concretas e subjetivas e não como algo limitado ao conhecimento de técnicas, teorias e conceitos, o saber e fazer do artesão necessita de registro e não apenas, como já acontece, da transmissão ao aprendiz.

Sabemos que muitas vezes o artesão não é reconhecido pela sua arte, com exceção de alguns exemplos raros de artistas brasileiros consagrados, como foi o Mestre Vitalino (1909-1963), “*destaque na produção de artesanato de Pernambuco e tornou-se o mais conhecido oleiro do Nordeste. Suas esculturas fizeram e ainda fazem sucesso no Brasil e no exterior*” (MACHADO, 2007). Mesmo sabendo que as peças artesanais são frequentemente reconhecidas e valorizadas pelos turistas, ao contrário, os próprios cidadãos das cidades, onde se tem a produção desses produtos artesanais, nem sempre dão o valor e reconhecimento merecidos.

É nesse sentido, que este projeto busca evidenciar a importância do artesanato para a história da humanidade, através de aulas expositivas dialogadas e visuais; e com visitas aos locais de produção e de exposição, onde podemos visualizar imagens e peças artesanais. Desta forma, objetivamos promover o reconhecimento por parte dos discentes do artesanato como elemento da cultura potiguar e patrimônio imaterial que é transmitido de geração em geração, e é constantemente recriado pelos grupos, gerando sentimento de identidade e continuidade, ressaltando a importância da tradição e de sua permanência até os dias atuais, pela sua

singularidade e diversidade. O reconhecimento que os saberes e fazeres de que os artesões são portadores, que se tornou uma atração que contagia não só os potiguares mais turistas de diversas regiões do mundo, devem ser preservados e incentivados. Uma das maneiras de se atentar para isso é a demonstração de sua importância na atualidade e como elemento cultural que se fez parte da vida de muita gente.

Aplicação efetiva do projeto: etapas e procedimentos adotados

A execução do projeto se constituiu em quatro etapas. Inicialmente apresentamos em sala de aula, de maneira expositiva e visual, conceitos importantes como: patrimônio cultural; material e imaterial; tombamento, museu, saberes e fazeres. Visando uma breve iniciação à temática do projeto, objetivando sempre exemplificar a presença desses conceitos na realidade em que o discente está inserido, por exemplo: danças, comidas típicas da região e o acervo do próprio Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão, que os discentes posteriormente visitaram. Assim, buscando evidenciar seu pertencimento na cultura local.

A segunda etapa efetivou-se em visitas a locais que expressam na prática esses conceitos, apresentados na etapa anterior em sala de aula que se fazem presentes no cotidiano dos discentes. Sobre esse procedimento adotado nesta etapa, tivemos como base os PCNs de História (2000):

“Introduzir na sala de aula o debate sobre o significado de festas e monumentos comemorativos, de museus, arquivos e áreas preservadas, permeia a compreensão do papel da memória na vida da população, dos vínculos que cada geração estabelece com outras gerações, das raízes culturais e históricas que caracterizam a sociedade humana. Retirar os alunos da sala de aula e proporcionar-lhes o contato ativo e crítico com as ruas, praças, edifícios públicos e monumentos constitui excelente oportunidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa”. (BRASIL, 2000:27).

A primeira visita foi ao Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão, localizado no bairro da Ribeira, cidade de Natal/RN. Nesta visita, os estudantes receberam um roteiro direcionado aos elementos relevantes que destacamos como “chaves” na temática proposta pelo projeto. São eles: patrimônio, patrimônio cultural, patrimônio imaterial, cultura, bens naturais, bens materiais, bens imateriais, memória, preservação, conservação, tombamento e

museus. Alguns destes conceitos já tratamos em sala de aula, estão presentes novamente nessa etapa para reforçar o que havíamos discutido anteriormente.

Para esta visita, sentimos a necessidade de dividir os discentes em três grupos de atividades paralelamente executadas durante e depois das visitas. O grupo “A”, responsável pela imagem e vídeo, ficou incumbido de coletar imagens e vídeos de pessoas que trabalhassem com o artesanato, registrando suas produções artesanais e destacando sua importância dentro da cultura local. Esse grupo buscou realizar essa tarefa tanto durante as visitas quanto na sua comunidade. Conseguindo coletar um material visual: imagens e vídeos interessantes sobre o artesanato local.

O grupo “B” ficou responsável por entrevistas que realizaram com artesãos durante as visitas que procederam em outubro, para saber se as suas atividades artesanais surgiram de um grupo incentivador; verificar se a produção artesanal era voltada para a demanda do mercado regional; saber sobre suas tarefas diárias e sobre o que representa o artesanato na sua vida; e se há um incentivo do poder público ao artesanato local na opinião destes entrevistados. Nessa tarefa, os alunos, juntamente conosco, elaboraram uma pauta de perguntas e contaram com o apoio do “grupo A”, para realizar as imagens necessárias.

O grupo “C” realizou pesquisas e produções textuais. Foi o momento em que observamos a capacidade criativa de alguns discentes, retornando os conhecimentos adquiridos com “espírito crítico”, por meio de elaboração de pequenos textos, poesias, histórias em quadrinhos e desenhos. Eles foram incentivados a pesquisar em materiais indicados por nós, e a buscar materiais na internet.

Posteriormente, realizamos uma visita direcionada com a turma ao Museu do Brinquedo Popular – IFRN, localizado no bairro de Cidade Alta, Natal/RN, onde foram observados brinquedos produzidos de forma artesanal, que faz ou fizeram parte da infância de várias gerações, inclusive a de muitos discentes.

Por fim, visitamos o Polo Ceramista de Santo Antônio, localizado no distrito de São Gonçalo do Amarante/RN. Nesta visita, além dos discentes poderem observar as produções de cerâmicas artesanais exposta no local, conheceram todo o processo de fabricação das peças artesanais apresentadas pelo artesão local, Eudes Antônio Barros da Silva, um dos artesãos do

polo. Além de conhecer as tarefas diárias do artesão, suas produções, perceberam ainda que o mesmo conhece todo o processo de produção artesanal: coleta do barro, preparação do barro, mistura do barro com a goma ou areia, processo de homogeneização e limpeza, modelação da peça, alisamento com a pedra, queima, pintura, decoração e acabamento.

Tão grande foi o interesse e curiosidade demonstrados pelos discentes nesta visita, que tivemos a ideia de realizar uma oficina de produção artesanal de peças em cerâmica na escola. Contamos com a presença do artesão Eudes orientando as atividades. Os discentes realizaram a tarefa de preparar o barro, manuseando até adquirir a forma desejada, e realizaram desenhos e pinturas em cerâmicas. O objetivo desta oficina foi proporcionar aos discentes um contato com as atividades artesanais realizadas por um profissional diariamente e obtenção de conhecimento também de todo o processo de produção artesanal, inclusive participando nessa oficina de algumas das etapas do processo. A produção dos alunos nessa oficina serviu posteriormente para uma exposição na Mostra de História da escola.

Figura 1- Oficina de ensino-aprendizagem



Fonte: acervo: Pibid-História/ Natal

Após a oficina temática, iniciou-se a terceira etapa, que se deu no estabelecimento de relação entre os elementos observados nas etapas anteriores do projeto com o currículo escolar. Assim, buscando aliar nossa temática com os conteúdos programados para o semestre e partindo da ideia de continuidades e rupturas ao longo da história, realizamos relações com o trabalho na Idade Média, estabelecendo então, uma relação entre as Corporações de Ofício, predominantes no período medieval, e as diversas práticas artesanais presentes nas oficinas

artesanais do presente. O fato de o artesão contemporâneo conhecer e participar de todo o processo de produção artesanal, assim como o artesão medieval, é um exemplo de uma continuidade, estabelecendo assim, a similitude entre ambas, buscando ressaltar a importância social e cultural em seus devidos contextos.

Por fim, a última parte de aplicação do projeto se efetivou através da exposição e apresentação das nossas atividades na “**I Mostra de História**” realizada na escola, quando os alunos elaboraram e apresentaram por meio de painéis, documentários, entrevistas, fotografias, vídeos e produção artesanal (essa última, resultante da oficina temática), uma reflexão do que eles aprenderam nas etapas anteriores, evidenciando como na prática se constrói a arte dos saberes e fazeres na história e como está presente no seu cotidiano.

Figura 2- I Mostra de História



Figura 3- I Mostra de História



Fonte: acervo: Pibid-História/ Natal

Considerações finais

Os objetivos gerais traçados inicialmente neste projeto, que visou um ensino de história que possibilitasse ao aluno identificação no seu meio social e cultural, através do que se está aprendendo em sala de aula, em geral, foram alcançados. Chegamos a esta conclusão durante as etapas ao longo do projeto e nitidamente presenciamos esse fato, quando, por meio de um debate, realizamos um balanço do que o projeto representou para cada um dos discentes. As respostas convergiam no sentido de que, na participação nesse projeto, os alunos presenciaram uma disciplina ativa e presente no seu cotidiano, significativa, participativa e

com uma utilidade social. Além do mais, maturaram suas consciências em relação ao patrimônio cultural da nossa cidade, entendendo sua importância cultural e social, e respeitando os valores nela inseridos. Assim, concluímos, que de certa forma, conseguimos atingir o esperado.

Referências

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos, n.36).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Humanas e suas Tecnologias - Ensino Médio**. Brasília, MEC/SEB, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia – 1ª a 4ª séries**. Brasília, DF: MEC/SEB, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros curriculares nacionais: História – 5ª a 8ª séries**. Brasília, DF: MEC/SEB, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. I. Petrópolis: Vozes, 1994.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007.

HAMILTON, Victor P. **Manual do Pentateuco**. 2 ed. Tradução: James Monteiro dos Reis. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

HOBBSAWAN, Eric. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em 12 Junho 2013.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LE GOFF, Jacques. Memória. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e arte popular**: duas faces de uma mesma moeda. CNFCP, 2007. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_ArtesanatoArte_Popular_Gomes_Lima.pdf. Acesso 12 junho 2013.

LONDRES, Cecília (org.). **Revista Tempo Brasileiro** n. 147: Patrimônio Imaterial. Rio de Janeiro, out./dez., 2001.

MDIC. Programa do Artesanato Brasileiro. MDIC, 2013. Disponível em: http://www.desenvolvimento.gov.br/portalmDIC/arquivos/dwnl_1255094473.pdf. Acesso em 25 maio 2013.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. Disponível: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=artesanato>. Acesso em 12 junho 2013.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Arte e ofício de artesão**: história e trajetória de um meio de sobrevivência. Águas de São Pedro, 1985. Trabalho apresentado no IX Encontro Anual da ANPOCS, 22-25 out.

SALE, Kirkpatrick. **Inimigos do futuro**: a guerra dos luditas contra a Revolução Industrial e o desemprego. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 26-35.

SALGADO, Mara e FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. **Contraponto entre arte, artesanato e trabalho**: a falsa diferenciação e a atrofia da fantasia. Disponível: <http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versaoportugues/2c43a.pdf>. Acesso 12 junho 2013.

WAGNER, Eugênia Sales. **Hannah Arendt e Karl Marx**: o mundo trabalho. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.